

PLANO DIOCESANO DE PASTORAL 2016 – 2019

DIOCESE DE TAUBATÉ

Sumário

SIGLAS.....	2
APRESENTAÇÃO	3
INTRODUÇÃO	5
OBJETIVO GERAL DA AÇÃO EVANGELIZADORA DA IGREJA NO BRASIL	7
VER.....	10
REALIDADE SOCIAL.....	10
REALIDADE ECLESIAL	12
JULGAR	15
PARTIR DE JESUS CRISTO.....	15
A IGREJA VIVE DE CRISTO	15
IGREJA: LUGAR DO ENCONTRO COM JESUS CRISTO	15
ATTITUDES FUNDAMENTAIS DO DISCÍPULO MISSIONÁRIO	15
A IGREJA “EM SAÍDA”	16
AS CINCO URGÊNCIAS NA AÇÃO EVANGELIZADORA.....	16
IGREJA EM ESTADO PERMANENTE DE MISSÃO	17
IGREJA: CASA DA INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ.....	17
IGREJA: LUGAR DE ANIMAÇÃO BÍBLICA DA VIDA E DA PASTORAL.....	18
IGREJA: COMUNIDADE DE COMUNIDADES	19
IGREJA A SERVIÇO DA VIDA PLENA PARA TODOS.....	20
AGIR	22
AS PRIORIDADES PASTORAIS.....	23
PRIMEIRA PRIORIDADE: Missionariamente, ir às famílias e proporcionar formação bíblica e doutrinal.....	23
SEGUNDA PRIORIDADE: Acolher as famílias e transmitir-lhes os valores do Evangelho	25
TERCEIRA PRIORIDADE: Favorecer a experiência de encontro com Jesus em vista do discipulado	25
FORMULÁRIO DO PLANO PAROQUIAL DE PASTORAL	27

SIGLAS

1Pd – Primeira Carta de Pedro

2Cor – Segunda aos Coríntios

2Tm – Segunda Carta a Timóteo

At – Atos dos Apóstolos

DAP – Documento Conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe – Documento de Aparecida

DGAE – Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2015–2019, da CNBB

EA – Exortação Apostólica Pós Sinodal *Ecclesia in America* sobre o encontro com Jesus Cristo vivo, caminho para a conversão, a comunhão e a solidariedade na América, do Papa São João Paulo II

EG – Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual, do Papa Francisco

EN – Exortação Apostólica Pós Sinodal *Evangelii Nuntiandi* sobre a evangelização no mundo contemporâneo, do Papa Paulo VI

Gl – Carta aos Gálatas

Jo – Evangelho segundo João

LG – Constituição Dogmática *Lumen Gentium* sobre a Igreja, do Concílio Ecumênico Vaticano II

Mc – Evangelho segundo Marcos

MV – Bula *Misericordiae Vultus*, de Proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia, do Papa Francisco

NMI – Carta Apostólica *Novo Millennio Ineunte* no termo do grande Jubileu do ano 2000, do Papa São João Paulo II

RM – Carta Encíclica *Redemptoris Missio* sobre a validade permanente do mandato missionário, do Papa São João Paulo II

VD – Exortação Apostólica Pós Sinodal *Verbum Domini* sobre a Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja, do Papa Bento XVI

APRESENTAÇÃO

“O ESPÍRITO SANTO E NÓS DECIDIMOS...” (At 15, 28)

Após escuta de comunidades, paróquias e decanatos, empenhamo-nos em identificar e analisar a realidade social e eclesial de nossa Diocese. Isso foi parte de um processo participativo que durou mais de um ano e culminou na realização da XVIII Assembleia Diocesana de Pastoral, realizada no dia 21 de novembro de 2015. Nessa oportunidade, mais de duzentas pessoas, representando todos os segmentos da Diocese, estiveram reunidas para fazer escolhas e indicar prioridades pastorais.

Essa prática de decisões conjunta não é novidade na Igreja, pois caracteriza séculos de tradição. Registro disso nós já temos nos Atos dos Apóstolos quando, diante de um impasse surgido acerca dos compromissos que os pagãos convertidos ao cristianismo deveriam assumir, os apóstolos reuniram-se com as principais lideranças da comunidade e, inspirados pelo Espírito Santo, tomaram as decisões que definiram os rumos da Igreja nascente (cf. At 15). O mesmo pode ser constatado, ao longo de toda a história da Igreja, pela realização de inúmeros concílios, sínodos, assembleias, conferências, conselhos etc. que comprovam a prática das decisões colegiadas, das quais os bispos são promotores e guardiões. Ao realizarmos nossa Assembleia de Pastoral, nós participamos desta prática eclesial.

Nossas escolhas pastorais não se constituem como opções isoladas ou independentes do conjunto da Igreja, considerando os âmbitos: regional, nacional ou universal. Somos uma parcela do Povo de Deus que tem opções referenciais. Podemos constatar isso por meio de expressões recorrentes em nosso meio e que nos reportam a importantes eventos de decisões comuns, entre os quais destaco: o Concílio Vaticano II, os Sínodos, em especial o último sobre a família, as Conferências do Episcopado Latino-Americano, as diretrizes pastorais estabelecidas pelas assembleias da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) etc. Esses grandes eventos eclesiais nos legaram importantes indicadores, que marcam nossa ação evangelizadora e podem ser identificados por expressões que ficaram gravadas em nossa memória, tais como: Igreja somos todos nós; a Igreja é discípula missionária, vive em comunhão e participação, parte sempre de Cristo; deve ser profética, misericordiosa e samaritana; fez opção preferencial pelos pobres, pelos jovens, pelos construtores da sociedade pluralista, indica-nos urgências pastorais etc.

Se nosso olhar volta-se para Cristo, identificamos nele todas essas disposições e atenções. O que é novidade: o estado permanente de missão?, a opção pelos pobres?, constituir comunidades?, ser Igreja em saída? O que é novo? Ao fazer opções, não nos cabe inventar nada de novo, mas, diante dos desafios que se apresentam, partindo de Cristo, procurar as respostas pastorais mais adequadas ao momento que vivemos. Em nossa Assembleia, evidenciou-se nitidamente a necessária atenção à família, aos jovens envolvidos e vítimas das drogas e da violência e ao processo de iniciação cristã.

Em relação à família, vamos nos dedicar a promover valores humanos e cristãos a partir da evangelização bíblica. Teremos que nos dirigir, missionariamente, àquelas famílias que atualmente ainda não atingimos. Redobrar empenho, a fim de oferecer um consistente processo de iniciação à vida cristã, favorecendo o encontro com Cristo, que se dá na família e na comunidade, por

intermédio da Palavra de Deus e da Eucaristia, a fim de que aconteça a experiência de discipulado.

Caberá agora a cada paróquia, orientada e sob a responsabilidade do pároco, reunir o Conselho Paroquial de Pastoral e, a partir destas diretrizes diocesanas, organizar o Plano Paroquial de Pastoral. Para isso, sigam o modelo fornecido ao final da Assembleia Diocesana ou busquem orientação junto ao Secretariado Diocesano de Pastoral. Todos os institutos religiosos, movimentos, organismos, entidades e associações presentes, nesta Igreja Diocesana, orientem-se e planejem suas ações servindo-se destas diretrizes que são, agora, publicadas. Que o Espírito Santo conduza e torne fecundos todos os nossos esforços pastorais conjuntamente assumidos.

Taubaté, 12 dezembro de 2015
Abertura do Ano Santo da Misericórdia na Diocese

Dom Wilson Luís Angotti Filho
Bispo Diocesano de Taubaté

INTRODUÇÃO

1 – O Papa Paulo VI afirmou que “um concílio não termina de maneira definitiva com a promulgação dos decretos, pois estes, mais que um ponto de chegada, são um ponto de partida para outros objetivos”¹. Assim também, nosso Plano Diocesano de Pastoral não é simplesmente o ponto de chegada de um processo de elaboração que terminou na XVIII Assembleia Diocesana de Pastoral, mas um ponto de partida e uma ferramenta fundamental para que possamos ter uma pastoral de conjunto na nossa Diocese e atingir os objetivos propostos por meio do desenvolvimento de projetos pastorais. Para que possamos trabalhar a pastoral buscando a unidade, é necessário que alguns conceitos pastorais sejam claros para nós.

2 – Evangelizar: significa criar condições para que a pessoa possa ter o mesmo comportamento de Jesus, assumindo como próprios os valores do Evangelho e levando à plenitude a graça batismal.

3 – Pastoral: é o cuidado que o Cristo Pastor exerce em relação ao rebanho por meio do seu Corpo Místico, que é a Igreja.

4 – Missão: é a ação da Igreja de ir ao encontro de ovelhas que não são do redil de Jesus Cristo ou que não assumiram de forma satisfatória a própria fé.

5 – Planejamento da ação evangelizadora: planejar é pensar antes com o objetivo de otimizar ações e valorizar recursos disponíveis. Planejar a ação evangelizadora significa antecipar o seu acontecimento efetivo, estabelecer objetivos claros e mensuráveis e viabilizar a sua execução.

6 – Assembleia de Pastoral: é um momento privilegiado de comunhão eclesial, oração, estudo e planejamento. Ela pode tanto elaborar o Plano de Pastoral como acompanhar a sua execução. É sempre de caráter consultivo. Na Diocese, cabe ao Bispo acolher seus resultados e referendá-los como diretrizes diocesanas.

7 – Conselho de Pastoral: é estabelecido e regulado pelo Código de Direito Canônico, tendo como função assessorar a autoridade competente no exercício do

¹ L'Osservatore Romano, 06 de julho de 1969.

seu ministério e acompanhar a pastoral. Para isso, deve ser representativo das pastorais, das regiões e de diversas áreas de conhecimento.

8 – Coordenações pastorais: existem para criar comunhão eclesial e dentro da própria pastoral, buscando animar, organizar, articular, formar, corrigir as ações pastorais, buscando a execução do Plano de Pastoral.

9 – Plano Diocesano de Pastoral: documento que, a partir das linhas gerais de orientação de toda atividade evangelizadora, missionária e pastoral de uma Diocese, orienta as pastorais, os movimentos, os conselhos, as coordenações, os serviços, as paróquias, as comunidades, as entidades ligadas à Igreja e toda a ação da comunidade e de pessoas de fé cristã-católica da Diocese. O Plano de Pastoral ilumina as ações evangelizadoras, promove a comunhão diocesana, aponta horizontes e caminhos que as comunidades, as pastorais, os movimentos e as lideranças, os discípulos missionários devem percorrer para realizar a missão da Igreja.

10 – Projeto Pastoral: é a definição de ações ou atividades determinadas, com seus objetivos, passos metodológicos, responsáveis, destinatários, recursos, agendamento (data, local e horário) e processo avaliativo.

11 – Calendário Pastoral: é o registo a partir do agendamento de datas de todas as ações e atividades presentes em todos os projetos pastorais da Igreja, seja diocesana, paroquial ou comunitária.

12 – Urgências na Ação Evangelizadora: precisam estar presentes nos processos de planejamento pastoral das Dioceses e instituições eclesiais. Dizem respeito à busca de caminhos para a vivência e a transmissão da fé. Elas são o elo entre tudo que se faz em termos de evangelização no Brasil. Põem a Igreja em movimento de saída de si mesma, de missão centrada em Jesus Cristo, de entrega aos pobres².

² DGAE 31.

OBJETIVO GERAL DA AÇÃO EVANGELIZADORA DA IGREJA NO BRASIL

EVANGELIZAR,
a partir de Jesus Cristo, na força do Espírito Santo,
como Igreja discípula, missionária, profética e misericordiosa,
alimentada pela Palavra de Deus e pela Eucaristia,
à luz da evangélica opção preferencial pelos pobres,
para que todos tenham vida,
rumo ao Reino definitivo.

13 – Evangelizar significa levar a pessoa a ter o mesmo comportamento de Jesus, assumindo como próprios os valores do Evangelho e realizando plenamente a sua configuração a Jesus Cristo, como graça recebida no sacramento do Batismo. Essa é a missão permanente da Igreja, conforme afirma o Papa Paulo VI³, que existe em função da evangelização, devendo atingir a realidade para transformá-la⁴.

14 – A ação evangelizadora acontece a partir de Jesus Cristo. O Papa São João Paulo II mostrou, no seu pontificado, a importância do encontro com Jesus Cristo, para a reta vivência da fé, e deixou uma mensagem muito importante para o povo americano no Documento *Ecclesia in America*, no qual aborda o fundamental encontro com Jesus Cristo⁵. O mesmo Pontífice afirma que a centralidade de Cristo, juntamente com o primado da Graça, a oração como arte e a espiritualidade de comunhão, constituem-se nos quatro pilares da ação evangelizadora neste início de milênio⁶. Jesus Cristo, em sua Pessoa e em sua mensagem, constitui o ponto de partida de todo trabalho evangelizador.

15 – É importante salientar que o trabalho evangelizador acontece na força do Espírito Santo⁷, que é o protagonista da missão e faz de nós agentes da missão. Daí

³ cf. EN 14.

⁴ cf. EN 19.

⁵ cf. EA 13–25.

⁶ cf. NMI 16–57.

⁷ cf. RM 45; 92.

decorre a primeira urgência no trabalho evangelizador, que é a Igreja em estado permanente de missão.

16 – A Igreja age como discípula, missionária, profética e misericordiosa, conforme nos ensinam o Documento de Aparecida⁸ e o Papa Francisco⁹. Como discípulos missionários, devemos exercer o profetismo, denunciando as situações de pecado e anunciando o Reino de Deus, caracterizando, assim, a proposta apresentada por Jesus. A partir do discipulado e da missionariedade, descobrimos a segunda urgência na ação evangelizadora, que é a Igreja como casa da iniciação à vida cristã.

17 – A Igreja é alimentada pela Palavra de Deus, conforme nos ensina o Papa Bento XVI¹⁰, e essa verdade nos leva a descobrir a terceira urgência na ação evangelizadora, que é a Igreja como lugar de animação bíblica da vida e da pastoral.

18 – A Igreja também é alimentada pela Eucaristia, o grande sinal da comunhão que deve existir na Igreja¹¹. Esse sacramento é o fundamento da quarta urgência na ação evangelizadora, que é a Igreja como comunidade de comunidades.

19 – A evangélica opção preferencial pelos pobres está presente em toda tradição da Igreja¹², explicitada mais claramente, na América Latina, no período pós-conciliar da Igreja. O Documento de Aparecida vincula esta opção à conversão pastoral¹³. Desta opção preferencial, decorre a quinta urgência na ação evangelizadora, que é a Igreja a serviço da vida plena para todos.

20 – A Igreja constitui-se como o germe¹⁴ e o início do Reino de Deus na história, pois ele se manifesta plenamente na pessoa de Cristo¹⁵; é por isso que ela deve converter-se ao Reino, o que significa “submeter tudo ao serviço da instauração do Reino da Vida”¹⁶, testemunhando “os valores do Reino no âmbito da vida social,

⁸ cf. DAp 1.

⁹ cf. MV 2.

¹⁰ cf. VD 45.

¹¹ cf. nota 6; LG 7.

¹² cf. Gl 2,10; At 20,35.

¹³ cf. DAp 391–398.

¹⁴ Germe: realidade iniciada, porém ainda não totalmente realizada.

¹⁵ cf. LG 5.

¹⁶ DAp 366.

econômica, política e cultural”¹⁷, para transformar a “cidade atual” na “Cidade Santa”¹⁸, sinal do Reino definitivo.

¹⁷ DAp 212.

¹⁸ DAp 516.

VER

21 – A ação pastoral tem por objetivo responder a situações e problemas concretos identificados na Igreja e na sociedade. O diagnóstico é fundamental para que se saiba qual tratamento deve ser empregado. O processo de levantamento da realidade foi feito por meio das assembleias comunitárias, paroquiais e de decanatos, realizadas a partir de uma pesquisa sobre a realidade, feita pelo Conselho dos Organismos e Pastorais Sociais da Diocese de Taubaté – COPS. Assim sendo, utilizando o método VER-JULGAR-AGIR, próprio da tradição pastoral da Igreja em nosso continente, vamos ao primeiro passo: o que temos diante dos nossos olhos quando falamos em Igreja Particular de Taubaté e na sociedade na qual ela está inserida?

REALIDADE SOCIAL

22 – A droga é um problema que marca nossa sociedade, atingindo as famílias, a juventude e, cada vez mais, a própria infância, fortemente assediada pelo narcotráfico. Além do problema em si, muitas são as consequências geradas pelas drogas, especialmente o aumento da violência e da criminalidade. Famílias inteiras são desestruturadas. Com a facilidade de acesso às drogas cada vez maior, adolescentes e jovens comprometem seu futuro, por vezes, anulando-o, ao entrar nesse caminho que oferece, à primeira vista, uma vida fácil, mas que, na verdade, tem como último passo a dependência, a prisão e, muitas vezes, a morte.

23 – Não é de hoje que as famílias estão desestruturadas. Valores duradouros estão ausentes dos lares e também dos lares católicos. A presença dos pais, especialmente na primeira infância, está comprometida devido ao mundo do trabalho, fazendo com que a educação das crianças seja terceirizada desde muito cedo. O diálogo no seio da família torna-se uma raridade, seja pelas diferentes rotinas de cada um de seus membros, seja pela influência da Internet, das redes sociais e do uso praticamente doentio do telefone celular. A Internet, hoje muito mais do que a televisão, é a real formadora de opinião em nossas famílias, sobretudo, entre os

mais jovens. Nossas famílias são devoradas pelo consumismo, sinal claríssimo da busca de satisfação pessoal a qualquer custo, na sociedade em que vivemos.

24 – A infraestrutura pública apresenta sérias dificuldades, impedindo o crescimento e o desenvolvimento social, o que acontece, quase sempre, devido à má gestão dos recursos públicos e à corrupção.

25 – A saúde também é uma questão preocupante. Muitas vezes, o atendimento não é suficiente nem satisfatório. Falta estrutura. Muitos são os que lutam nas filas para marcar exames e consultas e/ou para conseguir remédios.

26 – A juventude enfrenta sérios desafios. A violência e a criminalidade derrubam muitas vidas entre os jovens. Há, em muitos locais, a falta de lazer, de escolas de profissionalização e de escolas técnicas. Assim, os jovens são alvos fáceis das drogas. É clara a realidade da gravidez na adolescência por falta de orientação sexual e moral.

27 – Com o aumento da expectativa de vida em nosso país, nos últimos anos, assistimos a um sensível aumento da população de idosos. Isso desafia nossa sociedade a favorecer a qualidade e a dignidade de vida dessas pessoas, bem como a valorizar o papel e a sabedoria delas. Outro fator importante é o cuidado com os idosos dentro das famílias: muitas vezes, os mais jovens não têm sensibilidade diante dessa realidade.

28 – Mesmo em proporções muito pequenas e em situações mais isoladas, ainda se vê o analfabetismo presente em nossa realidade social. Há também muitos analfabetos funcionais, ou seja, com uma noção básica de leitura e escrita, sendo incapazes de adquirir conhecimento e de utilizá-lo para transformar a própria vida e a dos seus. O quadro agrava-se diante da falta de interesse familiar e de estruturas escolares realmente capazes de resolver tal problema.

29 – Por meio da participação nos Conselhos Municipais, pode-se reivindicar melhorias sociais e, no contexto de Igreja, viver o que nos pede a Doutrina Social da Igreja, que incentiva a inserção dos leigos. Todavia, o que se percebe é um desinteresse da maioria dos leigos, somado a pouco incentivo por parte do clero para que isso aconteça.

30 – Não se pode negar a evidência e a relevância da questão ecológica em nosso tempo. As recentes situações que se apresentam à nossa sociedade – como a crise hídrica – exigem de nós aprender e ensinar sobre o uso consciente dos recursos naturais, contemplando também realidades outras de um mundo sustentável, tais como: coleta seletiva do lixo, reciclagem, preservação etc.

REALIDADE ECLESIAL

31 – Igreja em estado permanente de missão: ainda não há a convicção de que este estado permanente de missão significa assumir o ser missionário em decorrência do Batismo recebido. Nossas ações missionárias são ainda muito tímidas, pontuais e desconexas. Falta a consciência de que toda nossa ação pastoral tem que ter a perspectiva missionária de ir àqueles que ainda não são por nós atingidos e que isso é fundamental para se promover a evangelização.

32 – A acolhida tem um papel importante e determinante quando se fala em missão. Por vezes, ocorre que as pessoas atingidas pelo agir missionário da Igreja, especialmente o contato pessoal por meio de visitas nas casas, missas de setor etc., não perseveram na vida eclesial pelo fato de não se sentirem e não serem realmente acolhidas pelos que estão dentro da Igreja; podem até ser recebidas por alguém que lhes sorria e entregue um folheto na porta da igreja – templo, mas não são integradas na comunidade, quase sempre fechada em torno dos mesmos que, não aceitando outros, vivem a reclamar que só eles fazem as coisas e que, sem eles, a comunidade não sobreviveria.

33 – Igreja, casa da iniciação à vida cristã: muitos católicos o são por tradição ou por herança familiar. Isso vem diminuindo aos poucos. Seria ingênuo não perceber que a comunicação da fé enfraquece em nossas famílias e na sociedade em geral. A saída de muitos católicos para outras denominações religiosas, entre outros tantos fatores, está ligada a ausência de uma catequese mais consistente e permanente nas paróquias, ampliando o conhecimento de acordo com as várias etapas da vida. São gritantes as necessidades de formação vivencial humana e cristã católica dos nossos fiéis, a fim de que despertem para a responsabilidade de serem discípulos

missionários, apelo constante da Igreja. Como resultado da carência dessa formação, nota-se a grande dificuldade em se conseguir novas lideranças.

34 – Igreja, lugar de animação bíblica da vida e da pastoral: nossas famílias, comunidades, paróquias e atividades pastorais são o ambiente propício e poderiam contar com uma empenhada animação bíblica que promovesse maior contato com a Palavra de Deus, sobretudo por meio de orientação bíblica e a prática da leitura orante. Certamente, dessa prática brotariam fecundos frutos de vida cristã.

35 – Igreja, comunidade de comunidades: há, ainda, muito a caminhar para que essa urgência na evangelização torne-se realidade plena em nossas comunidades. Muitas delas ainda vivem fechadas sobre si mesmas, até mesmo dentro de uma mesma paróquia. É necessário que as comunidades superem o autorreferenciamento de quem só enxerga as próprias necessidades e se integrem numa comunhão que a todos aperfeiçoa e enriquece. Do mesmo modo, ainda há paróquias que vivem e trabalham isoladamente, não se abrindo para a vida partilhada e articulada nos decanatos e, por consequência, na Diocese. Quando o isolamento e o comodismo falam mais alto do que a busca de comunhão e o zelo apostólico, a pastoral de conservação reforça-se e a conversão pastoral corre sério risco de não acontecer.

36 – Para que a Igreja seja, de fato, uma comunidade de comunidades, é indispensável o trabalho em conjunto, integrador e integrado de todas as paróquias e pastorais. É isso que dá condições para uma ação evangelizadora eficiente. É fundamental e urgente promover sempre mais a unidade de ação das pastorais, das paróquias e da Diocese.

37 – Igreja a serviço da vida plena para todos: a situação da família tem, também na realidade eclesial, grande importância, pois, entre outros fatores, a formação religiosa das crianças e dos jovens está comprometida: os pais, muitas vezes, fogem ou não se sentem preparados para a responsabilidade de serem eles os primeiros catequistas de seus filhos. Tudo isso gera consequências: adolescentes e jovens distanciam-se da Igreja, cresce a indiferença religiosa da parte dos pais. Considerando isso, nota-se que a Igreja pode investir muito mais no empenho em ir ao encontro das famílias, não se limitando a uma única ação ou prática pastoral, mas colocando a família, de verdade, no centro da vida das paróquias e das

comunidades. Isso não pode se limitar à programação de algumas atividades isoladas, mas necessita ser assumido conjuntamente e de maneira sistemática por todas as forças evangelizadoras de cada comunidade.

38 – Atenção especial merece a juventude. Muitos fatores, entre eles as drogas, a mídia, a influência de pessoas, o comodismo e outros, afastam os jovens da Igreja. Além disso, nota-se a inconstância de muitos deles na vivência eclesial. Muitos deles pagam o preço da desestrutura familiar que não lhes oferece as bases necessárias para a vida e, por isso, a formação religiosa também fica comprometida.

39 – Piedade e Religiosidade Popular: essa realidade está presente com muita força histórica e cultural em nossa região vale-paraibana. No passado, muitas vezes, a piedade popular foi responsável por manter a fé de muitas pessoas. Essa, porém, é uma base muito frágil, sobretudo se considerarmos a realidade de pluralismo religioso, que traz consigo tantos desafios e questionamentos. Tal realidade exige de todos nós uma ação pastoral criteriosa que, sem desprezar a religiosidade popular, não se limite a alimentá-la ou simplesmente a mantê-la. O processo evangelizador exige que a religiosidade popular seja purificada e direcionada a uma evangelização que tenha como centro Jesus Cristo, sua Palavra e os Sacramentos de que Ele dotou sua Igreja.

JULGAR¹⁹

PARTIR DE JESUS CRISTO

A IGREJA VIVE DE CRISTO

40 – Jesus Cristo é o fundamento da Igreja, da fé e do discipulado missionário. É Jesus Cristo e a paixão por Ele que nos leva à conversão pessoal, ao engajamento na Igreja e à ação pastoral. A Igreja existe no mundo como obra da Trindade e está a serviço do Reino, que se inicia com a Pessoa e a mensagem de Jesus.

IGREJA: LUGAR DO ENCONTRO COM JESUS CRISTO

41 – Deus comunica-se conosco por Jesus, o Verbo feito carne. Jesus constitui e envia a Igreja e, por meio dela, continuamente nos convida à conversão e ao discipulado missionário. Desse encontro, nasce a fé, que exige de nós a decisão de estar com o Senhor, assumindo seu Evangelho. As motivações para evangelizar são a salvação que recebemos de Jesus e o desejo de amá-Lo sempre mais.

ATITUDES FUNDAMENTAIS DO DISCÍPULO MISSIONÁRIO

42 – O discípulo missionário encontra nas atitudes de alteridade²⁰ e gratuidade as marcas que configuram sua vida à de Jesus. A alteridade baseia-se na encarnação, pois Jesus ensina-nos o respeito mútuo, o encontro, o diálogo, a partilha e a solidariedade. A gratuidade tem a sua máxima expressão no mistério pascal, pois só se ganha a vida na entrega e na doação. Gratuidade consiste em amar o irmão em Jesus, querendo e fazendo o bem, sem nada esperar em troca. A alteridade e a

¹⁹ O texto a seguir encontra sua origem e fundamento nos Capítulos I e III das DGAE.

²⁰ Capacidade de cuidar do outro, sentindo-se responsável pelo seu crescimento e amadurecimento na fé, nos valores do Evangelho e em todas as suas necessidades.

gratuidade, portanto, são atitudes que expressam o amor cristão e contribuem para o corte na raiz da violência, da exclusão, da exploração e de toda discórdia.

43 – Com essas atitudes, que expressam o verdadeiro amor ensinado por Jesus Cristo, os discípulos missionários promovem a justiça, a paz, a reconciliação e a fraternidade. Diante de tantas graves situações que contribuem para o sofrimento dos irmãos, os discípulos missionários enchem-se de compaixão e sabem que só se vence o mal com o bem, por meio da justiça e da paz.

A IGREJA “EM SAÍDA”

44 – Somos chamados a viver uma intimidade itinerante com Jesus, exercendo a missão na Igreja em saída. No “ide”²¹, estão presentes os cenários e os desafios sempre novos da missão, e hoje todos somos chamados a esta nova “saída” missionária.

AS CINCO URGÊNCIAS NA AÇÃO EVANGELIZADORA

45 – A Igreja em saída deve superar uma pastoral de conservação para assumir uma pastoral decididamente missionária, numa atitude de conversão pastoral. Nesse contexto, emergem cinco urgências na evangelização que precisam ser consideradas nos processos de planejamento. Tais urgências são o elo entre tudo que se faz em termos de evangelização.

46 – Devemos ser uma Igreja em estado permanente de missão, casa da iniciação à vida cristã, fonte da animação bíblica da vida e da pastoral, comunidade de comunidades, a serviço da vida em todas as suas instâncias. Esses aspectos referem-se a Jesus Cristo, à Igreja, à vida comunitária, à Palavra e à Eucaristia. As

²¹ cf. Mc 16,18

cinco urgências apresentam a evangelização na perspectiva da inculturação²², para fazer o Evangelho chegar à variedade dos contextos culturais e a seus destinatários.

IGREJA EM ESTADO PERMANENTE DE MISSÃO

47 – “Ide pelo mundo inteiro e anunciai a boa nova a toda criatura! Quem crer e for batizado será salvo!”²³. Jesus envia, pela força do Espírito, seus discípulos em missão. A Igreja é missionária por natureza. Tanto o Documento de Aparecida como a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, do Papa Francisco, convocam a Igreja a ser toda missionária e a ficar em estado permanente de missão. Somos convidados a alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho.

48 – Tal consciência missionária deve fazer a Igreja sair ao encontro das pessoas, famílias e comunidades, para comunicar-lhes o Evangelho e favorecer o encontro com Cristo, pois o distanciamento de Jesus e de seu Reino traz, como consequência principal, o desrespeito e a destruição da vida.

49 – É importante pensar a formação de uma consciência missionária que derrube as estruturas ultrapassadas e inadequadas e transforme o coração do cristão por meio da conversão, para uma pastoral decididamente missionária. Nesse sentido, a Igreja tem um compromisso com a Missão Continental, que é a grande proposta do Documento de Aparecida; mas a missão deve atravessar toda nossa ação pastoral, conduzindo-nos àqueles que não são por nós atingidos em nossas paróquias e em todos os ambientes.

IGREJA: CASA DA INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ

50 – “Paulo e Silas anunciaram a Palavra do Senhor ao carcereiro e a todos os da sua casa. E, imediatamente, foi batizado, junto com todos os seus familiares”²⁴. O

²² Inculturação: fazer o Evangelho iluminar a cultura de cada tempo e lugar, sem perder aquilo de bom que a cultura apresenta e purificando os aspectos culturais que necessitam de aprimoramento, sempre tendo as palavras e atitudes de Jesus como critério de discernimento.

²³ Mc 16,15.

²⁴ At 16,32ss.

estado permanente de missão implica uma efetiva iniciação à vida cristã, que desperta uma resposta consciente e livre. É preciso ajudar as pessoas a conhecerem Jesus, a se fascinarem por Ele e a optarem por segui-Lo.

51 – A iniciação à vida cristã não se esgota na preparação e na recepção dos sacramentos de iniciação, mas se refere principalmente à adesão a Jesus Cristo, numa catequese de inspiração catecumenal²⁵. Para que isso seja possível, nossas comunidades precisam ser mistagógicas²⁶. Essa catequese deve ser permanente, e não apenas em vista da recepção de algum sacramento. Deve fundamentar-se na centralidade do querigma, ou seja, o primeiro anúncio, e de toda Palavra de Deus, que desencadeia um caminho de formação e de amadurecimento: o catecumenato, para quem ainda não foi batizado e deseja sê-lo ou a catequese permanente para quem já é batizado e deseja aprofundar as razões da sua fé. Esse aprofundamento contínuo é que dá consistência e solidez à vida cristã. A catequese permanente requer atitudes: de acolhida, de diálogo, de partilha, de escuta da Palavra e de adesão à vida comunitária.

52 – Com essa catequese permanente na vida dos discípulos missionários, destaca-se o lugar da liturgia na ação missionária e no seguimento de Cristo. Por isso, toda atividade pastoral realiza-se em referência à liturgia.

IGREJA: LUGAR DE ANIMAÇÃO BÍBLICA DA VIDA E DA PASTORAL

53 – “Toda Escritura é inspirada por Deus e é útil para ensinar, para argumentar, para corrigir, para educar conforme a justiça”²⁷. Iniciação cristã e Palavra de Deus estão intimamente ligadas. Deus se dá a conhecer no diálogo que estabelece conosco. Desse modo, todo cristão deve ser iniciado na contemplação cristã da vida

²⁵ Catequese de inspiração catecumenal: eis um termo muito amplo. Resumidamente, podemos afirmar que tal catequese deve ser progressiva, com a intenção de fazer discípulos de Jesus e não apenas transmitir conhecimento doutrinário (lembrando que ser discípulo também é conhecer a doutrina católica, mas não se resume a isso).

²⁶ Mistagogia: conduzir à experiência do relacionamento com Deus no seu mistério. Nossas comunidades católicas precisam oferecer ao povo oportunidades celebrativas e formativas que conduzam os fiéis ao mistério de Deus. Essa condução é mediada pelo Espírito Santo, que é o Divino Mistagogo.

²⁷ 2Tm 3,16.

à luz da Palavra, a fim de que ela, sendo colocada em prática, seja redescoberta como lugar privilegiado de encontro com Cristo.

54 – O atual excesso de informações exige formação. O desafio é escutar a voz de Cristo em meio a tantas outras vozes. O cristão deve se familiarizar com a Palavra e com o Deus da Palavra para continuar firme em Cristo e dar as razões da fé e interpelar os corações que o questionam. Devemos entender que a Palavra dirige-se a todos para gerar solidariedade, justiça, reconciliação, paz e defesa da criação.

55 – A Palavra é de Deus. O discípulo missionário a acolhe na gratuidade e na alteridade, deixando-se questionar por ela. Essa acolhida deve ser em comunhão com a Igreja. Assim, podemos ver quanto bem tem feito a leitura da vida à luz da Palavra. Além de valorizar as atividades eclesiais claramente voltadas à Sagrada Escritura, como, por exemplo, os círculos bíblicos ou Escolas da Palavra, é necessário que toda a vida e a pastoral da Igreja sejam iluminadas pela Palavra de Deus.

56 – A animação bíblica de toda a pastoral é um caminho de conhecimento e interpretação da Palavra, de comunhão e oração com ela, de evangelização e de sua proclamação. O contato com a Palavra de Deus forma santos.

IGREJA: COMUNIDADE DE COMUNIDADES

57 – “Sois uma raça escolhida, um sacerdócio régio, uma nação santa, um povo adquirido para Deus”²⁸. O discípulo missionário vive sua fé em comunidade. Isso implica convívio, vínculos profundos, afetividade, interesses comuns, estabilidade e solidariedade. Ela acolhe, forma e transforma, envia, restaura, celebra, adverte e sustenta. Por isso, as paróquias devem tornar-se comunidade de comunidades vivas e dinâmicas.

58 – A busca por Jesus Cristo faz surgir diversas formas de vida comunitária. Alimentadas pela Palavra e pela Eucaristia, articuladas entre si na fé e na missão, essas diversas formas fazem da Igreja comunidade de comunidades, como as

²⁸ 1Pd 2,9.

CEBs²⁹, grupos de oração e convivência ligados a diversos Movimentos na Igreja, como RCC, ENS, Shalom, Cursilhos, PLC, e outras formas de comunidades. Porém a existência de comunidades fechadas contradiz a dinâmica do Reino e da Igreja. Todo movimento e toda comunidade, para manter unidade com a Igreja de Cristo, tem que estar em profunda sintonia com a Diocese onde estão situados³⁰.

59 – Hoje em dia, encontramos vários desafios para a vida em comunidade, como, por exemplo, os ambientes marcados pela urbanização, nos quais vizinhança não significa convívio; ou os ambientes virtuais, que desconsideram o contato pessoal, tão necessário nas relações comunitárias. A comunidade é essencial à vivência da fé cristã; ela gera fraternidade e união. O diálogo é o caminho para a boa convivência, a comunhão é a educação para a unidade na diversidade, gerando testemunho eficaz³¹.

IGREJA A SERVIÇO DA VIDA PLENA PARA TODOS

60 – “Eu vim para que todos tenham vida e a tenham em abundância”³². A vida é dom de Deus e é nossa missão o serviço à vida plena. As condições de vida que contradizem o projeto do Pai desafiam os discípulos missionários que se angustiam diante de todas as formas de ameaças à vida. Por meio da promoção da cultura da vida, os cristãos testemunham sua fé Naquele que veio dar a vida em resgate de todos.

61 – Contemplando os diversos rostos sofredores, o discípulo missionário vê o rosto de Cristo. Seu amor pelo Crucificado o leva a reconhecê-Lo nas situações de morte e a não as aceitar. Ele não se cala diante da vida impedida de nascer, sem alimentação, casa, trabalho, educação, saúde, lazer, liberdade, esperança e fé.

62 – A caridade é expressão da própria essência da Igreja. Daí a opção preferencial pelos pobres, implícita na fé cristológica, Naquele que se fez pobre para nos

²⁹ Comunidades Eclesiais de Base, forma de vida comunitária que reúne fé e vida, proposta pela Segunda Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e Caribenho de Medellín, na Colômbia, em 1968.

³⁰ cf. Papa São João Paulo II, discurso de 30/05/1998; EG 234–237.

³¹ cf. Jo 17,21.

³² Jo 10,10.

enriquecer com sua pobreza³³. Ela deve atravessar todas as estruturas e prioridades pastorais da Igreja.

63 – Precisamos contribuir para superar a miséria e a exclusão e não podemos limitar a solidariedade à doação. A evangélica opção pelos pobres implica convívio, relacionamento fraterno, atenção, escuta, acompanhamento nas dificuldades, na constante luta para que a mudança de sua situação e a transformação social aconteçam. Os pobres são sujeitos da evangelização e da promoção humana e estão no centro da vida da Igreja.

64 – É importante a atuação política. Por isso, os leigos devem participar na construção de um mundo mais justo, fraterno e solidário. Para que isso seja possível, é urgente a formação e o apoio aos leigos, para que atuem iluminados pela Doutrina Social da Igreja.

65 – Também é importante avançar na consciência ecológica. Não somos meramente beneficiários, mas guardiões das outras criaturas. Temos uma grande responsabilidade a respeito da criação, e a Igreja deve defender esse valor na esfera pública.

³³ cf. 2Cor 8,9.

AGIR

66 – A partir da síntese das assembleias paroquiais e dos decanatos, em nossa XVIII Assembleia Diocesana de Pastoral, foram escolhidas as três prioridades de ação pastoral, para responder aos principais desafios sociais e eclesiais elencados em toda a Diocese.

67 – Essas prioridades não são exclusivas nem excluem outras iniciativas pastorais, mas gozam de precedência e devem ser assumidas por todas as forças vivas da Diocese, segundo a sua natureza ou campo de ação. Elas não significam apenas um acréscimo de atividades à ação ordinária da Igreja, mas podem e devem ser incorporadas à sua ação evangelizadora e pastoral já existente. Elas evitam esforços dispersivos e garantem a unidade pastoral da Diocese.

68 – Seguem abaixo as três prioridades escolhidas e as respectivas propostas de ação pastoral:

PRIORIDADE	AÇÃO PASTORAL
Missão (Família)	Organizar um trabalho missionário, com formação bíblica, ética e moral em todos os movimentos e pastorais, para atingir as necessidades mais urgentes das famílias.
Família	Acolher melhor as famílias, trazendo-as para o centro de todas as atividades da Igreja, para transmitir-lhes os valores do Evangelho.
Iniciação à vida cristã	Levar a uma experiência pessoal de amor com Jesus Cristo para o discipulado, principalmente por meio das famílias.

AS PRIORIDADES PASTORAIS

PRIMEIRA PRIORIDADE: Missionariamente, ir às famílias e proporcionar formação bíblica e doutrinal

69 – A formação da consciência missionária é importante para esclarecer aos fiéis a sua responsabilidade de anunciar explicitamente Jesus Cristo para além dos “muros” eclesiais. Isso significa que os fiéis respondem ao Batismo recebido na medida em que também testemunham a fé em Jesus nos ambientes em que estão presentes no cotidiano; mas também é importante agir por meio do diálogo e de uma proposta convincente sobre os valores do Reino de Deus.

70 – O testemunho cristão estende-se pelo mundo afora, não se limitando ao espaço eclesial. Assim, o Evangelho de Jesus Cristo é oferecido a todos: aos fiéis que frequentam regularmente a comunidade, às pessoas batizadas que não vivem as exigências do Batismo e aos que não conhecem Jesus ou que o recusam³⁴. Também devemos considerar que é importante, em primeiro lugar, trazer as pessoas para a Igreja. Para isso, não devemos nos prender a questões ligadas à compreensão da fé ou da vida moral das pessoas, pois a caminhada eclesial posterior irá formar a pessoa tanto no que diz respeito ao conhecimento da fé como do seu agir.

71 – Para elaborar a atividade que atinja este objetivo, as pessoas envolvidas no planejamento pastoral devem perguntar quais são os grupos humanos ou as categorias sociais que merecem atenção especial da Igreja, para poder dar-lhes prioridade no trabalho de evangelização. A família será para nós o campo concreto desta atenção, pois motivou esta proposta de ação pastoral.

72 – Em nossa sociedade, a família encontra muitos desafios. Basta citar, como exemplo, o grande número de casais em segunda união, as diferentes configurações de família presentes na nossa sociedade e os diferentes casos de violência presentes na vida familiar. Diante disso, a XVIII Assembleia Diocesana de Pastoral optou por organizar um trabalho missionário, com formação bíblica, ética e moral em todos os movimentos e pastorais, para atingir as necessidades mais urgentes das famílias.

³⁴ cf. DGAE 74.

73 – Os jovens também devem ter a atenção, pois muitos, a partir de uma experiência desafiadora de família desestruturada, apresentam quadros preocupantes de imaturidade e de desequilíbrio, tanto no que diz respeito à afetividade como também à sociabilidade. Desse quadro decorrem a violência, a irresponsabilidade diante da vida, o desrespeito e a desvalorização da dignidade humana e o desequilíbrio em todas as formas de relacionamento. Essa situação desafia tanto a Igreja como a sociedade e exige um grande esforço conjunto para a sua superação. A ação missionária em relação à família tem que considerar a situação desses jovens.

74 – Um dos graves problemas apresentados pelas assembleias comunitárias, paroquiais e por decanato, no processo de elaboração deste Plano Diocesano de Pastoral, foi o da drogadição. Não podemos ignorar as graves consequências desse fato, como o aumento da violência, a inserção no mundo da criminalidade, os muitos jovens sem perspectivas de futuro etc. Tais desafios revelam os tentáculos da civilização da morte presente em nosso meio.

75 – Não podemos desconsiderar, também, o não menos grave caso das drogas lícitas que, devido à ausência do controle social, também trazem graves transtornos para a saúde da pessoa, para a vida familiar e para a sociedade como um todo.

76 – O trabalho preventivo é fundamental para a superação do problema da drogadição. Entretanto, esse trabalho não pode ser feito apenas pela Igreja; deve haver uma grande parceria com as inúmeras iniciativas da sociedade que trabalham seriamente nesta importante tarefa.

77 – Nossa contribuição específica como Igreja deve ser a de propor e despertar interesse para que os jovens conheçam a proposta cristã, que abre horizontes, nos dispõe ao outro, gera alegria e plenifica a vida de sentido. Para enriquecer o entendimento cristão, é indispensável a transmissão dos valores ensinados por Jesus, promovendo o conhecimento bíblico, ético e moral. Essa educação é dada por meio de catequeses, formações periódicas, escola da Palavra ou da Fé, cursos, palestras etc. Esses valores cristãos respondem às necessidades mais urgentes das famílias e dos jovens nelas situados.

78 – A missão é constitutiva do ser da Igreja. Ações missionárias são atividades que revelam esta característica essencial da Igreja. A comunidade nasce da missão

e destina-se à missão. Deste modo, a ação missionária deve encontrar sua base e continuidade na comunidade eclesial. Por isso, a ação missionária deve ter, como consequência, o acolhimento das pessoas na comunidade, ajudá-las a viver a fé e prepará-las para a missão.

SEGUNDA PRIORIDADE: Acolher as famílias e transmitir-lhes os valores do Evangelho

79 – A segunda diretriz de ação pastoral, para responder ao desafio familiar, é acolher melhor as famílias, trazendo-as para o centro de todas as atividades da Igreja, para transmitir-lhes os valores do Evangelho.

80 – A acolhida é o primeiro passo significativo para uma autêntica evangelização. Para isso, a comunidade deve inspirar-se na maneira como Jesus acolhia a todos. A Igreja como continuadora da missão de Cristo deve oferecer condições para o acolhimento das famílias. Acolher é considerar e valorizar a pessoa e a vida do outro com todas as suas riquezas e limitações. Um dos meios de acolher é a criação da Pastoral da Acolhida, que não se limita a acolhida nas portas das igrejas. Acolher é responsabilidade de todos. Por isso, é importante trabalhar em conjunto, indo ao encontro das famílias, sobretudo, das afastadas.

81 – Para atender a esta diretriz de ação pastoral, a família deve ser considerada como o eixo transversal do planejamento pastoral. Isso significa que todas as pastorais, movimentos, organismos e serviços devem pensar em como acolher as famílias e transmitir-lhes os valores cristãos. O desafio é oferecer instrumentos de transmissão desses valores.

TERCEIRA PRIORIDADE: Favorecer a experiência de encontro com Jesus em vista do discipulado

82 – Esta diretriz de ação pastoral foi pensada a partir da segunda urgência na ação evangelizadora: Igreja, casa da iniciação à vida cristã. A ação é levar a uma

experiência pessoal de amor com Jesus Cristo em vista do discipulado, principalmente por meio das famílias.

83 – O processo de iniciação à vida cristã é permanente e conduz ao encontro pessoal com Jesus Cristo, à vivência da fé e à participação comunitária. Por isso, é importante o cultivo da amizade com Jesus pela oração, pela celebração litúrgica, na experiência comunitária, mediante um permanente serviço ao próximo³⁵.

84 – O desafio é promover uma catequese continuada e não uma catequese que simplesmente prepara para a recepção de um sacramento. A catequese deve preparar o fiel para a vida cotidiana, de modo que tenha condições de testemunhar alegremente a sua fé. Para esta ação pastoral ser concretizada, é necessário uma melhor formação dos responsáveis e um itinerário catequético permanente. Que esse itinerário não se limite nem dispense a formação doutrinal, mas favoreça e conduza a uma coerente vivência da fé. A catequese deve oferecer uma integral formação cristã, fundamentada na Palavra de Deus, conduzir o fiel à experiência de Deus e levá-lo à celebração da fé na comunidade.

85 – A comunidade eclesial é o lugar da iniciação à vida cristã, porém, a família tem responsabilidade indispensável neste processo. A família é lugar e escola de comunhão, primeiro espaço para a iniciação à vida cristã das crianças, em que os pais são os primeiros catequistas de seus filhos³⁶. Portanto, para esta proposta de ação ser executada, é preciso uma atividade pastoral capaz de animar a vivência da santidade no matrimônio e na família, atendendo também as diversas situações familiares, apontando os valores cristãos.

86 – A formação do discípulo missionário precisa articular fé e vida e integrar cinco aspectos fundamentais: o encontro com Jesus Cristo, a conversão, o discipulado, a comunhão e a missão³⁷. A formação não se limita a cursos, pois deve integrar a vivência comunitária, a participação em celebrações e encontros, a inclusão nas diversas atividades pastorais e as oportunidades de capacitação.

³⁵ cf. DGAE 83.

³⁶ cf. DGAE 84.

³⁷ cf. DGAE 91.

FORMULÁRIO DO PLANO PAROQUIAL DE PASTORAL

87 – Elaborar o Plano Paroquial de Pastoral é reunir as lideranças para pensar, antes de fazer qualquer ação. O objetivo é pensar antes de fazer e otimizar as propostas de ações pastorais. Estabelecer objetivos claros e medidos, viabilizando a sua execução por meio das atividades programadas.

88 – Embora o Plano Diocesano de Pastoral tenha a vigência de 2016 a 2019, as paróquias, pastorais, movimentos, organismos e serviços entregarão ao Secretariado Diocesano de Pastoral o seu plano anual. A Diocese de Taubaté assumiu a metodologia do planejamento pastoral participativo, decidida na XVII Assembleia Diocesana de Pastoral, realizada no dia 22 de novembro de 2014. Esse modo de planejamento é o que melhor traduz o modelo de Igreja proposto pelo Concílio Vaticano II e pela tradição latino-americana. Isso supõe um projeto de trabalho que considere a participação em todos os níveis. Por isso, foram realizadas as assembleias em níveis: comunitário, paroquial e de decanato. Assim, o Plano Paroquial de Pastoral terá êxito se utilizar a mesma metodologia de planejamento pastoral participativo, ouvindo e valorizando a participação das lideranças paroquiais neste processo. Cada paróquia tem a sua realidade e tem a liberdade para pensar e executar a atividade que corresponda à sua particularidade. Segue abaixo o formulário de planejamento.

Ação Pastoral	Objetivo	Atividade	Responsáveis	Destinatários	Local	Período ou Data
Missionariamente, ir às famílias e proporcionar formação bíblica e doutrinal						
Acolher as famílias e transmitir-lhes os valores do Evangelho						
Favorecer a experiência de encontro com Jesus em vista do discipulado						

89 – A partir de cada proposta de ação pastoral, o grupo deverá estabelecer aquilo que se pretende alcançar com a ação, isto é, o objetivo da ação pastoral. Depois de estabelecer o propósito da ação pastoral, deverá pensar, conjuntamente, a atividade mais adequada que ajudará na execução do objetivo.

90 – Um dos maiores riscos que corremos em nossas atividades pastorais é achar que todos se responsabilizarão, quando, na verdade, poucos assumirão a responsabilidade. Por isso, é preciso que se nomeiem os responsáveis por cada uma das atividades.

91 – No planejamento, é importante apontar também os destinatários de cada atividade, ou seja, a quem será dirigida a atividade, bem como determinar o seu local. É importante que todos tenham clareza sobre como e onde cada atividade acontecerá, evitando que se defina depois e que se corra o risco de alguém não ser informado.

92 – Enfim, sugerimos que o plano paroquial seja permanentemente avaliado, cuidando os responsáveis e envolvidos nas atividades de verificar se, no período da execução de cada atividade, o objetivo estabelecido foi alcançado.